

Index geral do que está neste livro:

Da Cruz que apareceu em Japão (f. 1-3).
 Evangelhos das Domingas e festas móveis (c/ Índice próprio) (f. 4-59).
 Evangelhos próprios dos Santos (c/ Índice próprio) (f. 84-101).
 Milagre da Virgem Nossa Senhora e Rainha dos Anjos (c/ Índice próprio) (f. 116-163).
 Algumas vidas de Sanctos (c/ Índice próprio) (f. 164-368).

Index temático:

As sextas feiras da Coresma em Japão; Explicados os seus evangelhos (f. 60-69).
 Passio Domini Nostri Jesu Christi.
 Alguns colóquios a alguns instrumentos da Paixão de Christo Nosso Senhor N. S.
 Nossa Senhora do Loreto
 Nossa Senhora de Monserrate.

Index da vida dos Santos:

(Relevo às vidas dos Apóstolos, a partir de Simão Metaphrastes)
 S. Pedro, S. Paulo. S. André, S. João, S. Jacobo Menor, S. Jacobo Mayor, S. Thomé, S. Philipe, S. Bartolomeu, S. Simão e Judas, S. Mathias, S. Barnabé, S. Sabina, S. Marina, S. Marina (V.), S. Eustáchio, S. Eufémia, S. Aleixo, S. Catarina, S. (?), S. Justo e Pastor, Onze mil Virgens, S. Apolónia, S. Anastásia, S. Maria Egipciaca, S. Mansio, S. Merino e Companheiros, S. Barão e Josaphat, Quatro Mártires, S. Bonifácio, S. Christina.

Os títulos dos capítulos, geralmente em português ou em latim, contêm, por vezes, palavras segundo a pronúncia japonesa e precedem um texto limpo e bem conservado.

O livro contém 382 fls. numeradas e nas divisões principais encontram-se gravadas recortadas de outro lado e coladas com esmero. Além disso, há também alguns desenhos a tinta, reproduzindo o monograma JHS e a Cruz. O Códice foi objecto de estudo por parte de JESÚS LOPEZ GAY (S. J.), *La Literatura en la mission del Japon del siglo XVI*, Roma 1970. p. 181, 268, 272.

O interesse do Códice ultrapassa o campo da tradição bíblica, litúrgica e hagiográfica, para se estender também ao da fonética e da literatura nipónica.

Quando na Europa tais traduções eram proibidas, vemos como adquire importância um trabalho pioneiro desta natureza feito pelo P. Manuel Barreto, já familiarizado com a língua nipónica. Ele pertence, sem dúvida, àquela geração de jesuítas que, entre outras coisas, desbravaram o terreno da língua do Japão na segunda metade do séc. XVI. A ele se ficou a dever um vocabulário Português-Japonês, que não chegou a ser impresso. Tinha fama de ser bom conhecedor da língua nipónica e de ser respeitado por todos. C. SOMMERVOGEL refere ainda um Vocabulário Lusitano-Latino em 3 vol. (fólio).

Nasceu em Santa Maria da Feira, diocese do Porto, no ano de 1564. Com 15 anos entrava na Companhia de Jesus em 1579, em Goa, onde fez os estudos e de onde partiu para o Japão. Esteve em Nagasachi, na Cochinchina, em Macau, chegando a ser Procurador da Companhia no Oriente. Escreveu também um Florilégio sobre as virtudes e vícios a partir de S. Escritura (AT e NT), dos Padres da Igreja e dos Filósofos, que foi impresso com o seguinte título: *Flosculi de virtutibus et vitiis...* Nagasachi 1610).

A. CARDOSO

Opinião, no IV Centenário do nascimento de Fr. João de S. Tomás

Tudo o que é gente e está no tempo, cumprindo o respectivo processo, tende a desgastar-se, a diluir-se e, eventualmente, a perder a entidade e autonomia referida.

Resistir, continuar com interesse e até certa dose de perene novidade durante quatro séculos, é revelador de especial qualidade intrínseca.

Efectivamente, o lisbonense fr. João de S. Tomás, O.P. é dos que «se vão da lei da morte libertando», como diz Camões. João de Poinso nasceu em Lisboa em 1589-05-09. Foram seus Pais Pedro Poinso, se origem francesa, e Maria Garcez, pertencente a distinta estirpe social. Matriculou-se e estudou Filosofia e Teologia em Coimbra. Graduado de bacharel em Filosofia, em 1605-03-11, transitou para Teologia. É natural que tenha sido influenciado pelas perspectivas de Suarez, que nessa altura ensinava em Coimbra. Posteriormente, no seu ensino e escritos, demarcar-se-á nitidamente do ensino da Companhia de Jesus.

Como os Pais se deslocaram para a Bélgica, acompanhou-os e continuou os estudos de Teologia na Universidade de Louvaina, onde foi aluno do dominicano espanhol Tomás Torres. Foi graduado de bacharel em Bblica, a 12-02-1608. Com vinte anos de idade (1609-07-17) entrou na Ordem dos Pregadores, no Convento de Nossa Senhora da Atocha, em Madrid.

Ao tomar o hábito, adoptou o nome de Fr. João de S. Tomás, com a decisão de ser seguidor do Mestre. O que cumpriu com excepcional fidelidade.

Terminado o Noviciado, professou em 18-07-1610, retomando os estudos de Filosofia e Teologia. Em 1610 é docente de Teologia em Palência, regressando posteriormente a Madrid. Em 1625 foi nomeado Regente de Estudos da Ordem de Alcalá. Quatro anos depois foi-lhe confiada a Cátedra de Teologia de «Véspera» na Universidade da mesma cidade. Em 1641 passou para a Cátedra de «Prima». Contra o seu gosto, em 1646 o Rei Filipe IV escolheu-o para confessor pessoal. Entretanto não se limitou a ser conselheiro do monarca; aproveitou a circunstância para se aplicar, com afinco e sucesso, na reforma das Ordens religiosas, no Reino. Aos 55 anos, inesperadamente, foi acometido de doença

mortal, falecendo em Lérica, a 17-07-1644. Os restos mortais foram transferidos para o Convento de N. Senhora da Atocha, onde trinta e cinco anos antes tinha entrado na Ordem dos Pregadores.

Os biógrafos sublinham, mais marcadamente, um ou outro aspecto da sua vasta produção intelectual; mas todos são unânimes em acentuar a qualidade espiritual de frade exemplar.

As obras mais famosas foram editadas, parceladamente, ao longo dos séculos. E continuam a ser fonte de consulta necessária para quem pretenda ser minimamente informado acerca da Escola Tomista e seus expoentes máximos.

As obras justamente famosas, são:

- «Cursus Phylosophicus»—4 tomos, editados entre 1631 e 1625.
- «Cursus Theologicus»—8 tomos, publicados entre 1637 e 1666.
- «Explicacion de la doctrina cristiana», foi editada em 1640.

São obras predominantemente resultantes de elaborados apontamentos das aulas. Não chegou a concluir o «Curso Filosófico» e o texto sobre os sacramentos do «Curso Teológico», é anterior ao ensino universitário.

O «Curso Teológico» tem elaboração mais exigente e aprofundada. Todavia, o facto de ter sido «retirado» para a vida da Córte, assim como a morte prematura aos 55 anos, não lhe permitiram a preparação cuidada dos textos para publicação. Dada a efervescente actividade científica do século XVI, a generalizada crise intelectual e de valores, fr. João de S. Tomás pretende defender a integridade dos princípios de S. Tomás postos em questão. E é evidente que no horizonte da sua intervenção doutrinal estão principalmente Vasquez e Suarez.

Em geral, a exposição é linear e objectiva, tendo em conta os princípios de S. Tomás de Aquino. Mas a sua fidelidade é dinâmica, com certa perspectiva profética, como alguém que «vê primeiro», ampliando e aplicando as perspectivas do Mestre às questões que vão surgindo, com especial impetuosidade nesse tempo de mudança.

Com efeito, este período europeu é uma época de génios nos divesos ramos das Ciências, das Artes e da Filosofia. Basta evocar aqui os nomes mais significativos:

Nos domínios da Física e da Astronomia: Kepler, Newton e Galileu; em Matemática surgem Pascal, Fermat e Bernoulli; a Biologia conta com Harvey e Sawammdan. E Tornaram-se especialmente úteis os novos métodos científicos de investigação, introduzidos por Bacon e Decartes. São deste período os filósofos: Hobbes, Leibniz, Spinoza e Decartes. As artes plástica, a Música e a Literatura registam extraordinário desenvolvimento com Monteverdi, Corelli, Scarlatti, Shakespeare, Camões, Cervantes, Calderon, Molière, Racine, Milton, La Fontaine, Greco, Rembrant, Rubens, Caraneggio, Van Dych, Velasquez, Pourrin, Callot, Murillo, Miguel Angelo, Bernini, etc. A Basílica de S. Pedro, em Roma, e a Catedral de S. Paulo, em Londres, são os grandes símbolos dos progressos qualitativos, em todos os domínios da expressão humana desse século de ouro europeu.

Foi nesse contexto que se movimentou fr. João de S. Tomás. Ele é, efectivamente, o último grande mestre que tentou, com algum sucesso, fazer uma síntese filosófica, teológica e mística do conjunto da nova problemática segundo o lema «Vetere nova augere». J. Maritian classificou-o como «un des plus grandes metaphysiciens de l'occident moderne» cf. «Congresso do Mundo Português», Lisboa 1940, pág. 199-208.

Como bom discípulo de S. Tomás, o seu grande afã foi a busca da verdade, a que todos nos deveríamos docilmente submeter.

O contacto directo com os textos revela-nos uma esforçada busca de simplicidade e rigor, acompanhada de certa atitude poética e intuitiva. Todavia, como é normal, a estrutura barroca da escolástica do seu tempo, também o atinge: nota-se que o sistema de exposição é complicativo, tendendo-se a pormenores que quase nos fazem perde de vista o essencial da questão em apreço.

Por seu lado também «se retira» do mundo das ciências em franco desenvolvimento, refugiando-se na especulação filosófica e teológica em que se sente como peixe na água adequada.

Hoje em dia dispomos de uma preciosa edição crítica dos seus Cursos de Filosofia e Teologia, graças à paciência ilustada dos Beneditinos de Solenses, sob a douda orientação de D. B. Reiser.

Como já sugerimos, tendo influenciado positivamente a Escola Tomista, continua a ter estudiosos admiradores e divulgadores. Quem se der à tarefa de o estudar dá o seu tempo por bem empregue.

FR. BERNARDO DOMINGUES, O.P.